

HOMEM, Maria; CALLIGARIS, Contardo. *Coisa de menino?: uma conversa sobre masculinidade, sexualidade, misoginia e paternidade*. Campinas: Papirus 7 Mares, 2025.

Resenhado por Rafael Santana¹

Tenho uma espécie de prazer erótico em relação aos livros físicos. É como se o cheiro do papel recém-impresso despertasse em mim o desejo de decifrar um enigma. *Coisa de menino?: uma conversa sobre masculinidade, sexualidade, misoginia e paternidade* (2025), de Maria Homem e Contardo Calligaris, publicado recentemente pela Papirus 7 Mares, propiciou-me esse deleite. Começo por citar uma reflexão de Maria Homem: “Homem é a cabeça”. É uma fantasia, um delírio! [...] Toda a nossa cultura está calcada em cima do que chamamos de ‘enigma do feminino’ [...]” (2025, pp. 9-10).

Aliás, a questão do enigma do feminino configura-se como um *topos* da vastíssima obra de Freud. Não à toa, a sua famosa interrogação: “Mas, afinal, o que querem as mulheres?”; ou ainda: “O que é uma mulher?”. Para o pai da psicanálise, o feminino seria um “espaço nebuloso, labiríntico, enevoadado, algo a ser descoberto” (2025, p. 10), diz Maria Homem, complementando: “Os desenhos sobre o masculino e o feminino sempre colocam toda a complexidade e o enigma do lado da mulher” (2025, p. 10). E complementa: “erramos ao buscar universalizar, naturalizar e tomar o homem como dado *a priori* (2025, p. 10). Para a autora de *Lupa da alma* (2020), o homem é tão complexo quanto a mulher. Assim sendo, a psicanalista devolve a Contardo Calligaris uma provocação: “Diga-me: o que é um homem? O que quer um homem, Contardo?” (2025, p. 10).

Coisa de menino? estabelece um profícuo diálogo com a obra que o antecede: *Coisa de menina?: uma conversa sobre gênero, sexualidade e feminismo* (2019). Já ali Contardo Calligaris destaca que “[a] tradição judaica e mais ainda [a] tradição cristã – é uma cultura que não apenas é machista; ela é misógina”. E prossegue: “[a] nossa cultura

¹ É Professor Associado de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Doutor em Literatura Portuguesa pela mesma universidade, com tese sobre a prosa e a correspondência literárias de Mário de Sá-Carneiro. Sua atuação profissional incide sobretudo no Decadentismo, no Modernismo e nos ecos do fim de século na literatura contemporânea quer no que se refere à narrativa, quer no que tange à poesia. É também psicanalista e, nos últimos três anos (2022-2025) se tem debruçado mormente sobre as interrelações entre a literatura, a psicanálise e as artes visuais. E-mail: emailrafaelsantana@gmail.com. ORCID Id: <https://orcid.org/0009-0004-3388-6247>.

é fundada não apenas no domínio sobre as mulheres, mas no ódio pelas mulheres” (2019, p. 15). Em *Coisa de menino?*, ele reitera a mesma ideia: [...] “o ódio pelo feminino nem sempre esteve ao centro da cultura ocidental. E isso aconteceu exatamente por uma transformação específica do grande projeto de autocontrole” (2025, pp. 15-16). Dando sequência ao debate, Maria Homem acaba por situar o pênis num lugar intermediário: “[...] Tem esses lugares intermediários que são muito enigmáticos para a gente. Que às vezes são muito angustiantes” (2025, p. 13). Em outras palavras, o pênis não é um órgão absoluto, não é isento da angústia. Tal como a vagina, ele também impõe uma pergunta. Freudianamente falando, o pênis é um objeto *estranho familiar* ou *infamiliar*: implica uma *estranheiridade*. Nas palavras de Maria Homem, o pênis é um *objeto errático*.

Para melhor historicizar o culto ao pênis, Contardo Calligaris remonta ao século XVIII, momento inédito da descoberta de Pompéia. Consoante suas palavras, “[...] a cada esquina ou quase havia uma imagem de Príapo, que é um jovem com um pênis enorme em ereção. Príapo é o deus do pênis. O mundo clássico “[...] é um universo eventualmente machista, mas não misógino [...]” (2025, p. 14). Calligaris acentua que “[...] em quase todas as culturas, o pênis se torna divindade justamente por ser um órgão 'rebelde' (2025, p. 15).

Retomando o núcleo estruturante das ideias desenvolvidas em *Coisa de menina?*, o autor de *Cartas a um jovem terapeuta* (2008) frisa que “[...] o ódio pelo feminino nem sempre esteve ao centro da cultura ocidental” (2025, p. 15). A partir do conceito de *pênis errático* cunhado por Maria Homem, Calligaris admoesta que “[...] o fracasso do autocontrole leva a tentar controlar pelo menos os outros” (2025, p.19). E retornando à história de Pompéia, ele chama a atenção para o fato de que “[...] o erotismo estava em toda parte, em casas e vilas, nada segregado” (2025, p.20).

Não por acaso Contardo Calligaris afirma e questiona: “[...] éramos muito mais livres em relação à nossa sexualidade. Pergunto-me o que será que nos assustou tanto...” (2025, p. 20). Citando *A arte de amar*, de Ovídio, ele destaca que esta obra-prima da literatura universal é também uma *arte de transar*. Todavia, cabe ressaltar que *na cultura clássica moderna* já há o recalque do corpo e do sexo, vide os exemplos de Dante e de Petrarca. Para serem cultuadas sob as rígidas regras do Código de amor cortês, Beatriz precisa ser santa e Laura necessita ocupar o lugar imaginário da não correspondência amorosa, acentuando a ideia de um amor que se faz exacerbar a partir da *coyta* (do sofrimento) do amante.

Colocando o homem na condição de uma espécie assustada, Maria Homem adverte que “O homem pode ser um bicho muito covarde” (2025, p. 22). Aproveitando a reflexão acerca de o órgão sexual masculino ser um *falo parasita*, Calligaris complementa: “Realmente, é uma traição máxima e incessante! Já somos traídos por nosso corpo, que funciona, vive, adoece, morre etc. sem que a gente tenha muito a ver com isso”. [...] Era só o que faltava, sermos traídos por nossa mente, por nosso desejo, não é?” (2025, p. 22).

Quase findo o primeiro capítulo, Calligaris acentua ainda que “[...] a maluquice que a nossa cultura produziu é esta: falar como se a moral fosse o que proíbe”. E questiona: “De onde vem isso?” (2025, p. 28). Para ele, é bizarro que pensemos enquanto sociedade que é no ato de renunciar que nos consideramos merecedores. Afinal, como bem destaca Maria Homem, o paradigma de Cristo é historicamente de *matriz ultrarrepressiva*.

No segundo capítulo, “O corpo masculino: desejo e repressão”, Calligaris assinala que a masculinidade, centrada no pênis, *elemento de descontrole*, “[...] parou de ser definida pelo sexo e se definiu pela repressão deste, e a mulher passou a ser a única representante do desejo, origem de toda tentação” (2025, p. 32). Contudo, alerta ele que “a mulher precisou ser pensada como não tendo desejo próprio, ela tenta os homens” (2025, p. 32). Para controlar seu pênis, foi preciso que o homem controlasse seus desejos. Daí que ele passe a ser definido por outros atributos: a força, a honra, a renúncia, o dinheiro, a coragem, a aventura, a racionalidade. Sequenciando o debate, Calligaris aponta então para o “conflito interno do homem com o feminino dentro de si” (2025, p. 32):

Já disse que a homossexualidade é perseguida no mundo cristão (diferentemente do que acontecia no mundo clássico) porque ela aponta para a existência de corpo, carnalidade e desejo no homem. Deve ser por isso também que qualquer questão de gênero se torna insuportável para a boçalidade masculina: porque a questão do gênero levanta a feminidade possível no homem [...]. (2025, p. 35-36).

Quase que como a recuperar o conceito de *erotismo sagrado* de Georges Bataille, Contardo Calligaris chama a atenção para a ideia de que “a imagem de Cristo é uma das poucas que foram permitidas do corpo masculino”. E prossegue: “É um corpo seminu, à mostra. Que aliás, como mostra a clínica, é um clássico objeto erótico e habita inúmeras fantasias de masturbação” (2025, p. 39). Por outras palavras, o cristianismo exacerba uma erótica do martírio e do suplício, quer seja “nas células fechadas dos mosteiros” (2025, p.

40), quer seja no gesto de autoflagelar-se nas procissões. Repare-se que há aí o gozo e a dor do sangue a escorrer pelo corpo. Nas palavras de Maria Homem, “uma relação sadomasoquista em que o gozo se dá na identificação com o corpo martirizado de Cristo na cruz” (2025, p. 40). Afinal, o cristianismo reprime tão exageradamente o corpo e a sexualidade que, como postula Foucault na sua célebre *História da sexualidade* (1976), foi o *interdito* imposto pelo Barroco contrarreformista que acabou por erigir sua própria *transgressão* no seio das igrejas, dos mosteiros, dos conventos, acontecimento que Maria Homem define como “[...] uma hipertrofia desse martírio erótico e sexual com o próprio corpo de Cristo” (2025, p. 40).

Maria Homem ressalta, desta feita, um ponto interessantíssimo no que tange ao erotismo sagrado: o culto a São Sebastião e a “retomada [de sua figura] pelos movimentos *cults gays*”, ao que responde Contardo Calligaris: “São Sebastião realmente se tornou um ícone da sexualidade BDSM e *gay*, uma estátua para colocar em casa, no quarto, a imagem de São Sebastião sendo sacrificado, recebendo flechas de todos os lados: ele está sendo penetrado por todos os lados”. E prossegue com o raciocínio: “[...] – Algo engraçado, aliás, é que em todas as imagens de São Sebastião, embora esteja sendo supliciado, ele tem uma expressão totalmente feliz de gozo” (2025, pp. 43-45), tal qual Santa Teresa de Ávila na icônica escultura eternizada por Bernini. No encerramento do capítulo três, Calligaris acrescenta, nessa mesma esteira de pensamento, que “[...] O masoquismo é sempre primário. O sadismo, eventualmente, é uma transformação do masoquismo. A única fantasia realmente universal é a masoquista” (2025, p.45).

Indo ao encontro da ilação de Contardo Calligaris, Maria Homem acentua que “todos fomos bebês manipulados pelo outro” (2025, p.45). Nossa primeira experiência de gozo na vida ocorre quando somos bebês, objetos na mão de um Outro que nos toca, nos excita, nos cuida. Se o cristianismo se sustentou por dois milênios pela imposição do recalque do corpo tanto do homem quanto da mulher, vivemos uma espécie de processo dialético na cultura contemporânea, em que homens e mulheres vão recuperando seu corpo perdido, sua sexualidade perdida.

No terceiro capítulo, “Mestres e escravos”, Maria Homem e Contardo Calligaris entram especificamente no tema psicanalítico da sexuação, uma das construções básicas da subjetividade. Ao apontarem para a existência de um corpo, ambos sinalizam, muito freudianamente, que somos bissexuais por inerência – em que pese o recalque –, mas que há um ponto básico a ser considerado: *o inconsciente*, onde “não há todas essas oposições

simbólicas”, porque “[...] ele (o inconsciente) é um pouco a-espacial, atemporal e tudo junto” (2025, pp. 50-51).

Estamos falando com todas as letras: não existe essa divisão menino/menina, homem/mulher, como se fossem dois grandes grupos de seres, diferentes e complementares. Isso é uma ficção, uma fantasia. É uma construção simbólica e imaginária, para dar conta da multiplicidade das coisas dos corpos dos seres que, sim, têm uma divisão sexuada. Não só humanos, mas também primatas superiores, mamíferos... Existem dois grandes grupos, mas as diferenças são muito menos *sharp*, muito menos cristalinas (2025, p. 53).

Contrastando as morais de mestre e de escravo, Maria Homem estabelece uma provocação a Contardo Calligaris: “A modernidade, então, é quase uma moral de escravo? É isso que você está dizendo, Contardo?” (2025, p.55). Ele responde que sim, haja vista que, anteriormente à ascensão burguesa entre o fim do século XVIII e o início do XIX, a moral do mestre clássico era a “de que as coisas que importam são aquelas pelas quais você daria a vida. O resto não teria nenhuma importância. É óbvio que a vida em si não é alguma coisa que importe [...]”. E finaliza: “A capacidade de arriscá-la é o que faz com que algo tenha valor” (2025, p. 55). Encerrando o capítulo, Maria Homem concorda com o argumento de Calligaris e pondera que “Ninguém desvaloriza a vida como princípio, mas a ideia de que ela não é um valor absoluto, sem dúvida, é uma fantasia muito mais masculina do que feminina” (2025 p. 61).

O quarto capítulo intitula-se “Meu filho, meu herói: o sonho da mãe”. Trata-se das expectativas maternas e paternas sobre os filhos, expectativas que são “[...] uma fonte inesgotável de patologias” (2025, p. 63). Ao ressaltar que as projeções maternas, mormente no que concerne aos filhos homens, são sempre muito maiores do que as que incidem sobre as filhas mulheres, a autora de *No limiar do silêncio e da letra* (2012) adverte que o menino traz uma alteridade que sai do corpo da mulher. As mães tendem a transferir para os filhos homens seus anseios frustrados: “[...] ele [o filho homem] sai de mim, mas não me reproduz, ele é tudo o que eu não sou, não fui e não poderia ser” (2025, p. 64).

Contardo Calligaris, pensando num contraponto entre a mulher de outrora com a de agora, volta então a insistir no mundo clássico, “[...] em que a sexualidade feminina é reconhecida e mantida” (2025, p. 65). Uma sexualidade muito mais livre, não necessariamente atrelada à maternidade; mais do que isso: não vinculada ao mito da maternidade como elo de amor incondicional. A prostituta sagrada, por exemplo,

apontava indubitavelmente para a existência da sexualidade feminina no mundo clássico. Era “[...] a sacerdotisa da relação com o divino; isso era impensável do ponto de vista cristão. Havia lugares reservados completamente às mulheres” (2025, p. 65). Calligaris lembra ainda que as romanas tinham liberdade sexual, que ninguém duvidava de que elas tinham desejo. E embora a sociedade clássica fosse patriarcal, era “[...] menos repressora do corpo e do sexo feminino do que o cristianismo” (2025, p. 67), diz Maria homem.

Ao ratificar a reiteração de Contardo Calligaris de que “a misoginia, o ódio à mulher, se afirma com o cristianismo” (2025, p. 67), Maria Homem adverte que “[...] o filho homem é como se fosse a autorização de um sonho quase místico da mulher, que transcende limites. É uma liberdade plena de sonhar, uma capacidade de projeção, quase. É a liberdade de se desconectar da realidade, de voar. Portanto, isso é o que a cria recebe” (2025, p. 69). E Contardo Calligaris complementa: “[...] Sem responder ao chamado do mundo, a masculinidade se perde. Só é possível para o menino obedecer ao chamado do amor se ele respeitar, primeiro, o chamado do mundo²” (2025, p.71). E quiçá um dos epítomes máximos dessa ideia estaria expresso culturalmente na literatura da Antiguidade Clássica, muito especialmente em *A Odisseia*, em que Ulisses luta por dez anos na guerra de Tróia e leva mais outros dez anos para regressar a casa, enquanto Penélope fica a esperar, a tecer e a ocupar-se da criação de seu filho, Telêmaco. Na cultura patriarcal, a mulher é a rainha do *oikos*. Não à toa, já diz o ditado popular: “Do homem a praça, da mulher a casa”.

O quinto capítulo intitula-se “O mito do herói solitário”. Contardo Calligaris principia dizendo que “[...] o homem é um ser comprovadamente mais gregário do que a mulher”, complementando: “[...] o homem [...] adora um comportamento gregário, coletivo”. (2025, p. 89). Tomando *Robson Crusoe* (1799) como – a seu ver – o primeiro romance moderno do Ocidente, Calligaris aponta para essa personagem como um herói aventureiro que naufraga numa ilha deserta, lá sobrevivendo por muitos anos. Eis aí a *construção mítica* do conceito de *herói solitário*, haja vista que “[...] O homem está sempre pronto a se enturmar, sobretudo para se tornar um canalha; é como se o grupo lhe permitisse baixar ou anular os padrões morais que ele respeita como indivíduo” (2025, p. 90). E Calligaris continua: “[...] o homem foge do sonho de sua individualidade para o comportamento gregário” (2025, p. 91).

² Maria Homem exemplifica essa ponderação de Contardo Calligaris com o filme *Casablanca* (1942). Afinal: “We’ll always have Paris” (Sempre teremos Paris).

Por sua vez, Maria homem destaca que o homem foge, em verdade, da sua castração, da sua fragilidade, da sua vulnerabilidade. Se o homem precisa fazer muito esforço para escapar à *banalidade do real*; se necessita de uma aliança masculina para fugir do buraco central de sua própria fragilidade, a mulher já está *a priori* no lugar da castração. Eis por que a “[...] a mulher, como diria Lacan, [está] do lado do não todo fálico” (2025, p. 95). E Maria Homem admoesta: “[...] é difícil ser homem, porque ele tem que continuar bancando esse lugar de macho ou de macho *pra caralho*” (2025, p. 96). A masculinidade é frágil, e a psicanalista é cirúrgica ao dizer: “[...] Enfim, quanto maior o medo, maior a afirmação delirante de potência” (2025, p. 98).

O capítulo seis inicia-se com uma das grandes perguntas da psicanálise: "O recalque vai deixar de existir?". E Maria Homem é direta ao dizer que a construção do homem é sempre falsa porque recalca sua própria feminilidade, a castração e a passividade. O recorte histórico imputou ao feminino os atributos ditos não fálicos. Mas, segundo a psicanalista, “Estamos vivendo uma mudança de sensibilidade histórica, subjetiva, sociocultural em que os homens acham interessante poder ocupar o espaço da casa” (2025, p. 105). A partir daí o debate entre ela e Contardo Calligaris fica cada vez mais acirrado, mais provocativo! Segundo Maria Homem, essa mudança de sensibilidade histórica apontaria para uma possibilidade de um futuro que talvez "ultrapass[e] essas clausuras binárias" (2025, p. 108). Um futuro *genderless*, andrógino. Todavia, Contardo Calligaris enxerga exatamente o contrário:

– Vamos perder a guerra no sentido de que acho que estamos vivendo uma tremenda volta do paradigma cristão, que se apresenta como instrumento da ordem e da governabilidade. Os números estão do meu lado desse ponto de vista, infelizmente. Os Estados confessionais provavelmente vão se multiplicar em vez de diminuir. Não seremos muito diferentes do Irã, por exemplo. Um Brasil evangélico seria totalmente igual a um Irã muçulmano. (2025, p. 108).

Maria Homem rebate: “– Não estou falando de presente. Estou dizendo que podemos lutar contra a ideia de que os corpos são plurais, desejantes, livres e sexuados.” E prossegue: “Podemos querer recolocar a mulher em um lugar de castidade, de religiosidade, de abstenção, de abstinência. Mas, mesmo assim, a mulher goza. A mulher deseja e quer fazer sexo” (2025, p. 115).

O capítulo sete, “Amor, sexo e violência”, aponta para “A descoberta de que então existia uma sexualidade masculina, que podia ser expressa a ideia de que podiam ser desejados por seus corpos” (2025, p. 128). Como acentua Maria Homem, a revolução

sexual dos anos 1960 instaurou “[...] uma crise na masculinidade. E ela não terminou de acontecer” (2025, p.131). Agudizada a ideia de que a sexualidade masculina podia então ser *expressa*, ou melhor, de que já não era necessário “esconder seu órgão sexual por ele ser incerto, que ele podia funcionar, mas às vezes não, isso [acabou por dar] um sério *tilt* na cabeça dos homens de muitas maneiras” (2025, p. 129). Apavorados com a possibilidade de ser feminizados a partir da descoberta de que seu “corpo é desejável como o corpo de uma mulher” (2025, p. 129), os homens agiram com ainda mais violência. Como pondera Maria Homem: “[...] Freud talvez tenha sido o primeiro a revelar, sexualidade e agressividade podem ser texturas que bebem na mesma fonte. Ou seja, como já falamos – e aqui temos um nó da questão –, muito da força da pulsão sexual se entrelaça com forças de dominar e, literalmente, comer o outro” (2025, p. 135).

Ambos os autores concordam que estamos enredados numa vasta teia que interroga o enigma do desejo: “o desejo do eu e o desejo do outro, esses impossíveis” (2025, p.136). O ideal do amor romântico advindo do século XIX, fincado na promessa de reciprocidade, mesmo sendo um mito literário, continua a vigorar. “[...] Nós temos um ideal do amor romântico que inclui o ideal do sexo romântico. Ou seja, culturalmente, nós acreditamos que o sexo vem junto com o amor” (2025, p. 140).

No que tange às fantasias sexuais, Maria Homem pondera o que seria considerado normal. Como psicanalista, ela afirma que “[...] você é absolutamente responsável por si mesmo” (2025, p. 145) e que, na relação sexual consentida entre dois adultos, “[...] diferentemente do que poderia supor o imaginário normativo, religioso ou não, são raríssimos os casos que eu [Maria Homem] colocaria na fronteira do patológico” (2025, p. 145). Encaminhando-se para o encerramento do capítulo, Calligaris traz um pouco de sua experiência clínica e diz: “Os homens são tão casamenteiros quanto as mulheres, contrariamente ao que se imagina. Não fogem das mulheres que parecem querer se envolver com eles, eles fogem do seu próprio desejo de se envolver com elas” (2025, p. 153). Contrariando o *statu quo* de que as mulheres são fiéis e os homens infiéis, Calligaris complementa: “[...] as mulheres são tão infiéis quanto os homens. [...] a ideia de que os homens seriam infiéis e as mulheres fiéis não corresponde a nenhuma realidade clínica” (2025, p. 154).

O livro finda com o capítulo intitulado “Paternidade e um novo ideal de homem”, espaço donde se discute principalmente os temas da evasão parental e da paternidade frágil. A esse respeito, Calligaris é incisivo: “[...] a paternidade é muito frágil no sentido de que não tem aquele nível de certeza concreta e corporal da maternidade. [...]”

Absolutamente é uma extensão do corpo da mulher, que sai dela” (2025, p. 158). Sobre as madrastas, o psicanalista recorda-nos de que Freud sinaliza que “há sempre um fundo de rivalidade entre a nova mulher e os filhos anteriores” [...]; “o amor feminino é sempre um pouco filial – o Édipo feminino, o amor pelo pai, nunca se resolve totalmente” (2025, p. 161). No que concerne a Maria Homem, ela volta a insistir que “Está acontecendo uma transformação inegável nos papéis de gênero e, conseqüentemente, no conceito de família” (2025, p. 165). Para a psicanalista, há indícios fortíssimos de que “O homem começa a achar interessante ocupar esse território antes estritamente feminino do campo do privado e do doméstico” (2025, p. 167). A crise da masculinidade “[...] vem junto com a grande pergunta, que é: o que é ser um cara legal? O que é afinal ser homem?” (2025, p.168).

Coisa de menino? recupera algo da *tradição platônica* – no melhor sentido da expressão – em que Sócrates, na condição de personagem dos diálogos, coloca na boca de cena o ponto e o contraponto, a tese e a antítese, a suposição da verdade e sua desmontagem. *Coisa de menino?* não nos oferece apenas um debate cultural e psicanalítico sobre masculinidade, sexualidade, misoginia e paternidade. O livro aponta talvez para uma – quem sabe possível – nova estilística da existência para a contemporaneidade. Trata-se de uma conversa absolutamente necessária frente a tempos tão sombrios. Boa leitura!

Referências

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FOCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque & J. A. Gilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

HOMEM, Maria. & CALLIGARIS, Contardo. *Coisa de menina?: uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*. Campinas: Papirus 7 Mares, 2019.

HOMEM, Maria & CALLIGARIS, Contardo. *Coisa de menino?: uma conversa sobre masculinidade, sexualidade, misoginia e paternidade*. Campinas: Papirus 7 Mares, 2025.

Recebido em: 29 de maio de 2025.

Aceito em: 29 de agosto de 2025.